



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio

Grande do Sul

Brasil

Machado Domingos, Charles Sidarta
Os muitos tempos de Leonel Brizola
Estudos Ibero-Americanos, vol. 42, núm. 2, mayo-agosto, 2016, pp. 779-785
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134646844020>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Os muitos tempos de Leonel Brizola

The many times of Leonel Brizola

Los muchos tiempos de Leonel Brizola

Charles Sidarta Machado Domingos*

RESENHA DE:

FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge. *A razão indignada – Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

Movimento. Ideologia. Projeto político. Tradição política. Cultura política. O trabalhismo, no Brasil, já foi, e ainda é interpretado conceitualmente de diversas formas. Até mesmo sob as vestes de populismo ele foi analisado, por largo tempo. Contudo, a despeito da concepção teórica empregada, há pontos que parecem já pacificados entre nós, historiadores, pelo menos: que ele, o trabalhismo, teve início ao final da ditadura do Estado Novo; e que foi “inventado” por assim dizer, com o objetivo de se constituir em uma alternativa, para os trabalhadores, ao comunismo – onde é possível traçar um paralelo com a criação do Estado de Bem-Estar Social na Europa como alternativa para o comunismo de matiz soviética (HOBSBAWM, 2003, p. 17).

Embora tenha variações ao longo do tempo, o trabalhismo brasileiro esteve sempre ancorado em algumas noções fundamentais:

* Professor de História no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL – Câmpus Charqueadas) <csmid@terra.com.br>

a incorporação das camadas trabalhadoras ao sistema capitalista com algum grau de redistributivismo social; o nacionalismo e a defesa da soberania do país; e a busca por participação política nos marcos da democracia. Um ponto importante de inflexão no trabalhismo do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foi o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Com a ausência do principal líder do partido, disputas internas estabeleceram novas dinâmicas no trabalhismo, propiciando um espaço maior para propostas reformistas ou mesmo revolucionárias, ambas de corte predominantemente nacionalista (DELGADO, 1989; GOMES; 1994; D'ARAÚJO, 1996).

Dentro dessa guinada reformista, a melhor expressão foi João Goulart. Seu projeto político pode ser descrito como tendo caráter nacional-reformista em razão de pugnar a interferência do Estado na realização de reformas sociais, políticas e econômicas, visando ao desenvolvimento do país. Para este fim, medidas importantes foram a sistematização da Política Externa Independente – que tinha como um dos preceitos fundamentais o desenvolvimento econômico a partir das relações internacionais do Brasil no contexto da Guerra Fria –, a criação do 13º salário, o “Estatuto do Trabalhador Rural” – que levava os direitos sociais aos trabalhadores do campo –, a Lei da Remessa de Lucros (que limitava o envio de capitais para o exterior) e a criação da Eletrobrás (DOMINGOS, 2010, p. 83-92). No entanto, as condições políticas do início dos anos 60, tanto conjunturalmente como estruturalmente, permitiam sonhar – e lutar – por medidas mais radicais; embora não pretendessem, em momento algum, romper com os limites do capitalismo. E o nome capaz de unir essas propostas com características nacional-revolucionárias era o do trabalhista Leonel Brizola (FERREIRA, 2007, p. 546-555).

As razões para o Golpe de 64 ainda não são ponto pacífico na historiografia. Todavia, a evolução do trabalhismo, pendendo cada vez mais para a esquerda, seja reformista seja revolucionária, é um dos pontos capazes de explicar – de forma isolada ou em conjunto com outros fatores, como o anticomunismo, a exaustão do modelo de acumulação do capital, os interesses externos – os motivos que solaparam a democracia no Brasil naquele tempo de ontem. Muito já tem se escrito sobre o Golpe de 64 e sobre o governo João Goulart. Contudo, fazia falta um livro que se dedicasse a um dos personagens mais importantes do trabalhismo brasileiro; afinal, se a proposição de Marc Bloch se mantém correta e “a História é a ciência que estuda os homens no tempo” (BLOCH, 2001, p. 55), uma obra que analisasse a

dimensão histórica de Leonel Brizola ao longo do tempo era mais do que necessária – era urgente.

A Razão Indignada – Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004) é uma obra coletiva produzida por importantes historiadores brasileiros e organizada pelos Professores Américo Freire do CPDOC-FGV e Jorge Ferreira da UFF. Enfatizando a figura de Brizola sem descontextualizá-la de suas épocas e do seu papel no trabalhismo, as autoras e os autores do livro estabelecem reflexões oportunas sobre a História do Brasil na segunda metade do século XX.

O livro conta com análises aprofundadas sobre a conformação do ideário político de Brizola, realizada pelo Professor Jorge Ferreira. Para o autor, Brizola compreendia “o trabalhismo à luz das idéias que empolgavam as esquerdas na América Latina desde meados dos anos 1950, influenciado pelos movimentos anti-imperialistas latino-americanos na conjuntura da Guerra Fria e pelas repercuções da revolução cubana” (FREIRE; FERREIRA, 2016, p. 23)¹. Analisando as palestras realizadas por Leonel Brizola no início dos anos 60, o professor Ferreira destaca a importância que determinadas ideias tiveram sobre a orientação política do líder petebista; em especial, o nacionalismo de corte anti-imperialista com a crítica veemente à deterioração dos temos de troca e o processo espoliativo ao qual o país vinha sendo submetido. Segundo o autor, a apropriação elaborada por Brizola sobre essas idéias era o elemento aglutinador de sua liderança perante as esquerdas revolucionárias do período.

As Professoras Carla Brandalise e Marliza Marques Harres abordam, em capítulo fartamente documentado, os Comandos Nacionalistas, também conhecidos como Os Grupos de 11. A análise das Professoras Brandalise e Harres está centrada principalmente, mas não só, em entender quem eram os “seus adeptos de base e dos motivos dessa adesão” (FREIRE; FERREIRA, 2016, p. 53) no estado do Rio Grande do Sul. Além disso, as autoras se questionam a respeito do teor do movimento: seriam Os Grupos de 11 agrupamentos armados com vistas à ação de tomada do poder ou seriam a tentativa de formação de um grupo organizado para reagir ao golpismo?

A primeira parte do livro ainda conta com os artigos da Professora Tânia dos Santos Tavares, da Professora Soanne Cristina Almeida dos Santos e do Professor Gabriel da Fonseca Onofre. A Professora

¹ As referências à obra constantes nessa resenha serão todas feitas como FREIRE; FERREIRA, 2016, sendo os autores dos capítulos referidos no corpo do texto.

Tânia Tavares também aborda Os Grupos de 11, porém, a partir dos depoimentos de pessoas que participaram daquele movimento na cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. A Professora Soanne dos Santos está preocupada em entender como a Frente de Mobilização Popular se organizou na cidade de Una, na Bahia. Já o Professor Gabriel Onofre aborda a tensa relação no interior do PTB entre os grupos de Leonel Brizola e San Tiago Dantas na busca pela hegemonia partidária e capacidade de influência no governo Goulart.

Se na primeira parte do livro as análises estão mais bem distribuídas geograficamente, na segunda parte do livro o eixo de análise é o estado do Rio de Janeiro, onde Leonel Brizola foi eleito governador em duas ocasiões. Seu retorno ao Brasil, a implementação de suas políticas de segurança e de educação pública, a refundação do trabalhismo e a rivalidade no campo da esquerda com o Partido dos Trabalhadores (PT) são o mote dessa segunda seção.

Em seu artigo, o Professor Américo Freire analisa como se deu o retorno de Leonel Brizola do exílio para o Brasil, se preocupa em entender como o importante líder das esquerdas nos anos 60 redimensiona seu discurso político-ideológico para os novos tempos e investiga, ainda que preliminarmente, a participação do agora ex-governador do Rio de Janeiro nas eleições presidenciais de 1989 e 1998. Ao longo do trabalho, o Professor Freire traz elementos que demonstram como foi se desenvolvendo a rivalidade entre o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o PT ao longo das décadas de 80 e 90 no campo das esquerdas. Enquanto o PDT se colocava como “herdeiro direto do ‘velho trabalhismo’ dos tempos do ‘Dr. Getúlio’”, sendo eles, os trabalhistas os que “‘vinham de longe’ e representavam, nada mais, nada menos, do que o ‘fio da História’ das lutas do povo brasileiro contra a injustiça e a opressão perpetradas pelas elites” o PT pretendia se afirmar “buscando se desvincilar dos erros históricos das esquerdas e afirmando-se como algo novo, como um ‘fenômeno político’ verdadeiramente democrático e capaz de reunir a classe trabalhadora em torno de um projeto próprio de poder” (FREIRE; FERREIRA, 2016, p. 203).

O compromisso com a Educação Pública foi uma das maiores marcas de Brizola, nos seus dois tempos. E essa é a temática do artigo da Professora Libânia Xavier, que analisa o impacto social e as controvérsias ocasionadas a partir da construção das Brizoletas no Rio Grande do Sul nos anos 60 e dos Brizolões no Rio de Janeiro nos anos 80 e 90. E de acordo com a Professora Xavier, o projeto educacional

de Brizola sofreu e ainda sofre muita oposição e resistência no Rio de Janeiro, onde ela menciona uma reportagem de jornal do ano de 2006 que questiona se “o custo do aluno do Ciep vale a pena?” ao trazer o exemplo de um aluno da primeira turma que naquele momento estava detido na penitenciária de Bangu III. Na análise da Professora, essa pergunta, naquele contexto da reportagem, “induz o leitor a avaliar como um desperdício o ato de investir dinheiro público na tentativa de educar pessoas que, de acordo com certa visão de mundo, estariam condenadas ao crime e a marginalidade” (FREIRE; FERREIRA, 2016, p. 285). Para a Professora Xavier, a análise dos dois tempos de Leonel Brizola na política brasileira comprova que ele “adotou uma postura convicta a respeito da centralidade da educação em seu projeto de construção de uma sociedade democrática entre nós” (FREIRE; FERREIRA, 2016, p. 288).

O Professor Bruno Marques Silva, analisa, em sua contribuição ao livro, a política de segurança pública nos governos de Brizola no Rio de Janeiro. Para o Professor Silva, a grande inovação – e, portanto, alvo de muitas polêmicas – foi a busca pela modernização do sistema de segurança tributário do período ditatorial. Para o Professor, o problema central esteve relacionado a tentativa de se buscar “uma reforma conciliatória, redefinindo a cultura institucional, mas preservando sua estrutura organizacional militar” (FREIRE; FERREIRA, 2016, p. 259).

O funeral de Leonel Brizola, em 21 de junho de 2004, foi o ponto de partida da reflexão da Professora Angela de Castro Gomes: “os funerais são cerimônias que podem se transformar em rituais cívicos, nos quais o que se cultua, por excelência, é a pátria, ali representada pela pessoa do morto ilustre” (FREIRE; FERREIRA, 2016, p. 302). O nacionalismo, componente intrínseco do trabalhismo, parece manter-se, ou mesmo reforçar-se, com a morte daqueles que o utilizaram em sua constituição de visão de mundo.

Não foram poucos os analistas, seja da grande imprensa, seja nos meios acadêmicos, que viram na morte de Brizola o fim de uma era. O jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, editou um caderno especial no dia 23 de junho de 2004 com esse título. Muito rapidamente, essa assertiva se tornou poderosa, criando uma espécie de lugar-comum, estabelecendo certo consenso inclusive. Contudo, a Professora Michelle Reis de Macedo, em seu artigo sobre as relações das esquerdas revolucionárias (PCB e PC do B) com o emergente PDT na década de 80, questiona essa afirmação. Para a Professora Macedo, a morte de Brizola não representa

o fim de uma era. Ao analisar as características presentes em Brizola que possibilitaram essa conclusão “sua performance carismática na comunicação com os trabalhadores, o que muitas vezes se reverteu em vitórias eleitorais” (FREIRE; FERREIRA, 2016, p. 235) a autora aponta que o ex-presidente Lula também tem essas características; portanto, não se poderia falar em fim de uma era.

Ocorre, contudo, uma reflexão final. Leonel Brizola foi um dos maiores políticos brasileiros da segunda metade do século – isso parece inegável, por mais polêmico que tenha sido. Suas vitórias eleitorais atestam isso: deputado estadual no Rio Grande d Sul (1946 e 1950), deputado federal pelo Rio Grande do Sul (1954), prefeito de Porto Alegre (1955), governador do Rio Grande do Sul (1959), deputado federal pela Guanabara eleito com a maior votação do país (1962), duas vezes eleito governador do Rio de Janeiro (1983 e 1990). Após sua última vitória, contudo, sofreu reveses bastante significativos nas eleições presidenciais de 1994 (quinto lugar), eleições para a prefeitura do Rio de Janeiro de 2000 (quarto lugar), eleição para o senado pelo Rio de Janeiro em 2002 (sexto lugar). Seu tempo de conquistas e de realizações foi no mundo que conheceu: o tempo da Guerra Fria (1945-1991). Mesmo com as mudanças que aconteceram no interior da Guerra Fria, Brizola ainda conseguia se reinserir na vida política. O fim da Guerra Fria foi o fim do mundo que Brizola conhecia: e no desconhecido, não soube mais se recolocar no mundo.

Referências

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

D'ARAUJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder. O PTB de 1945-1965*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. *O Brasil e a URSS na Guerra Fria: a Política Externa Independente na imprensa gaúcha*. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010.

FERREIRA, Jorge. Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e reformismo radical*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge. *A Razão Indignada – Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido: 13 de junho de 2016

Aprovado: 04 de julho de 2016

Autor/Author:

CHARLES SIDARTA MACHADO DOMINGOS <csmnd@terra.com.br>

- Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor de História no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL – Câmpus Charqueadas). Autor de *O Brasil e a URSS na Guerra Fria: a Política Externa Independente na Imprensa Gaúcha*. (Letra & Vida, 2010). Especialista em temas da História do Século XX como História do Brasil Contemporâneo com ênfase no Tempo da Experiência democrática (1946-1964), Guerra Fria, Ditadura civil-militar no Brasil.
- PhD in History from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor of History at the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL – Câmpus Charqueadas). Author of *O Brasil e a URSS na Guerra Fria: a Política Externa Independente na Imprensa Gaúcha*. (Letra & Vida, 2010). He is specialist in the History of Contemporary Brazil, with emphasis on Brazil's first democratic experience (1946-1964), the Cold War, and the Civil-military Dictatorship in Brazil.